UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

CARLA CRISTINA CAMPOS BRASIL GUIMARÃES

O DEBATE SOBRE O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA: REFLEXÕES À LUZ DO PENSAMENTO DE ALEXANDRA KOLLONTAI EM *AS IRMÃS*

Brasília - 2018

Resumo: Esta pesquisa tem como principal objetivo propor uma reflexão sobre o papel da mulher e da Revolução Russa a partir da análise do conto *As irmãs* de Alexandra Kollontai, destacando o conteúdo das críticas produzidas por esta autora em relação à condição da mulher na sociedade capitalista e em relação aos desafios para a superação das relações opressoras de gênero na sociedade socialista em gestação. Diante das discussões desenvolvidas na pesquisa, entendemos que a situação da mulher não pode ser tida isoladamente, e sim como um fenômeno, que compõe uma totalidade complexa. Não pode, portanto, ser lida como um mero fato isolado da vida material. As desigualdades entre os sexos vão além das relações conjugais e familiares, por isso as condições de trabalho e os tipos de atividades exercidas pelas mulheres devem ser objetos de estudo, demonstrando o quão forte são as origens dessas desigualdades dentro do modo de produção capitalista e enfrentada por Alexandra Kollontai na luta pela construção do socialismo na União Soviética do início do século XX.

Palavras-chave: Feminino; Kollontai; *As irmãs.*

Introdução

A presente pesquisa intitulada "O debate sobre o lugar da mulher na literatura: reflexões à luz do pensamento de Alexandra Kollontai em *As irmãs*" concentrou esforços no sentido de analisar e compreender o pensamento da autora socialista Alexandra Kollontai em relação aos obstáculos e aos avanços das conquistas femininas antes e após a Revolução Russa de 1917, tomando como "fio condutor" a análise do conto *As irmãs,* publicado em seu livro *A nova mulher e a moral sexual*, que foi republicado em 2017 pela editora Expressão Popular.

Meu trabalho, enquanto pesquisadora, sobre a condição da mulher é a força propulsora que me guiou nessa aventura em me aprofundar nos estudos de Alexandra Kollontai. Durante o pequeno, porém, instigante tempo em que estive envolvida com as pesquisas sobre o feminino, verifico a cada notícia de feminicídio, em cada livraria dominada por exemplares masculinos, na marginalização de autoras femininas e nas ementas da universidades a necessidade de retomar o lugar da mulher.

Alexandra Kollontai foi um dos principais nomes que se preocupou em compreender a mulher em meio as questões sociais e ideológicas da época. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral: analisar a evolução do pensamento de Kollontai por meio da análise

do conto *As irmãs*, destacando o conteúdo das críticas produzidas por esta autora em relação à condição da mulher na sociedade capitalista e em relação aos desafios para a superação das relações opressoras de gênero na sociedade socialista em execução.

Alexandra Kollontai e a Revolução Russa

Alexandra Kollontai nasceu no ano de 1872, em San Petersburgo em uma família de

Figura 1: várias fases de Kollontai

nobreza latifundiária. Seu pai, Mikhail Domontovich, era um general de origem ucraniana e sua mãe finlandesa era de origem camponesa. Aos 20 anos, casa-se com Vladimir Mikhaylovich Kollontai, um jovem oficial do exército, com quem tem um filho, Misha. Em 1898 deixa ambos e junta-se ao Partido Social Democrata dos Trabalhadores Russos, atuando principalmente com as mulheres trabalhadoras. Conhecida como uma das maiores líderes revolucionárias russas e teórica do marxismo, membro do partido bolchevique e militante ativa durante a Revolução Russa.

Este momento, em que Kollontai se encontra no centro das discussões e que culminaram na sua atuação durante o período da Revolução Russa, são os resultados das diversas mudanças que ocorreram na segunda metade do século XIX, na Rússia que passou por transformações estruturais e econômicas relevantes. Ainda se vivia sob o regime de Alexandre II, coexistindo, neste momento, características pré-capitalistas e costumes feudais.

Em 1840, uma vez que a agricultura sobrevivia de recursos e técnicas rudimentares e, consequentemente, tinha uma produtividade muito pequena era preciso rever o sistema. Assim, em 1861, aboliu-se a servidão campesina, gerando a migração dessa população para as indústrias. Sobre este momento histórico, Kollontai analisa que:

> Desde 1848, a influência do movimento operário europeu é sentida na Rússia, não no proletariado (quase inexistente), mas entre os intelectuais, jovens da burguesia e nobreza, que, profundamente idealistas, acreditam ver na comuna russa rural [...] a possível base estrutural para um socialismo russo campesino[1]. [...] Com a abolição da servidão começa uma grande mudança na economia russa: aumenta imediatamente a produção agrícola, em consequência o mesmo acontece com a exportação de cereais [...]. Este desenvolvimento não implica, no entanto, nenhuma melhoria para o agricultor: as terras desde 1861 foram colocadas à sua disposição, seja por compra ou por arrendamento, foram avaliadas duas vezes o seu valor real [...] (KOLLONTAI, 1978, p.15).

O que Kollontai vai nos apresentar é que as mudanças não ofereceram nenhum desenvolvimento para os agricultores, ou seja, o aumento da produção agrícola não gerou a libertação deles, pelo contrário a maioria das terras ainda estavam sobre o controle dos aristocratas enquanto os camponeses continuaram na miséria. É nesses moldes que se configura a situação da mulher no âmbito das bases familiares, nosso interesse neste trabalho, que foram gestadas nesse período.

É importante compreender que é por trás dessa organização que o sistema familiar foi se estabelecendo e a partir dele encontramos a formação dos valores que construíram os fundamentos da opressão feminina. Por trás da formação da família se desenrola um intenso sistema de valores, ideologias que estabelecem aos indivíduos quais lugares estes devem ocupar no mundo:

> O aspecto mais importante da família na manutenção do domínio no capital sobre a sociedade é a perpetuação – e a internalização – do sistema de valores profundamente iníquo, que não permite contestar a autoridade do capital, que determina ser aceitos como normais, em vez de desqualificados "comportamento não-conformista (MÉSZÁROS, 2002, p. 271, grifos do autor).

O espírito estava em manter a ideologia do capital enquanto único e poderoso modo de vida, e os indivíduos sábios eram, portanto, aqueles que internalizavam a regra do capital de tal modo que em momento algum se perguntavam as razões de viver sob tais condições sociais e não outras. A família baseada no capital se estabelecia, sobretudo, no princípio de que a máquina social não é possível manter-se sem que haja hierarquias, elas compõem o processo produtivo e reprodutivo:

> [...] dadas as condições estabelecidas de hierarquias e dominação, a causa histórica da emancipação das mulheres não pode ser atingida sem se afirmar a demanda pela igualdade verdadeira que desafia diretamente a autoridade do capital, prevalecente no "macrocosmo" abrangente da sociedade e igualmente no "microcosmo" da família

> nuclear. No fundo, esta não deixa de ser profundamente autoritária devido as funções que lhe são atribuídas num sistema de controle metabólico dominado pelo capital, que determina a orientação de indivíduos particulares por meio de seu sistema incontestável de valores (MÉSZÁROS, 2002, p. 271, grifos do autor).

As evidentes condições de dominação e hierarquia sob as quais a família se estabelecia, são, portanto, os primeiros fundamentos da opressão feminina. A família, enquanto unidade que compõe o capital (macrocosmo), reproduz em seu interior um sistema de dominação e controle com o mesmo autoritarismo, que, por sua vez, demonstrou-se muito mais cruel para as mulheres. Em acordo com esta, o capital desenvolve outras instituições para reproduzir esse mesmo sistema de valores como as igrejas e as escolas.

Dentro deste contexto, Kollontai emerge como uma força que irá motivar e se voltar para a representatividade da mulher. Como exemplos de atuação temos, em 1918, a organização do Primeiro Congresso de Mulheres Trabalhadoras de toda a Rússia por Kollontai, de onde nasce o Genotdel, organismo dedicado a promover a participação das mulheres na vida pública e nos projetos sociais, nomeadamente a luta contra o analfabetismo.

Em 1920, fica responsabilizada pela organização de mulheres do partido. Ocupa ainda o posto de comissária do povo para a Segurança Social, promulgando decretos para a proteção e a segurança da maternidade e a infância. Desde o ano anterior, tinha aderido à chamada Oposição Operária, com Shlyapnikov, Kiselev e Medvedev. E em 1921, coincidindo com o X Congresso do Partido, escreve um opúsculo com esse mesmo título, em que expõe as posições dessa tendência no interior do Partido Bolchevique, alertando contra os "*perigos de degeneração burocrática que ameaçam*", e propondo o controle operário das instituições.

No mesmo período, ela escreve *A nova mulher e a moral sexual* em que ela chama atenção para a importância da reestruturação das bases econômicas para a transformação da nova mulher. Mas, quem seria essa nova mulher? Segundo Kollontai (2011),

> Mesmo, porém, que na nova mulher pertencente à classe operária a luta pela afirmação de seu direito e de sua personalidade coincida com os interesses de sua classe, as mulheres do novo tipo pertencentes a outras classes sociais têm necessariamente que se defrontar com um obstáculo: a ideologia de sua classe, que é hostil à reeducação do tipo de mulher. No meio burguês, a insurreição da mulher adquire um caráter muito mais agudo e os dramas morais da mulher do novo tipo são muito mais vivos, têm mais colorido, oferecem maiores complicações. (KOLLONTAI, 2011, p. 21)

Essa nova mulher é apresentada em seu conto *As irmãs,* em que temos em sua narração evidências de como todos os processos econômicos culminaram na modificação do casal que havia se conhecido em 1917 e ao fim de um ano, já com um filho resolveram oficializar a relação, até então baseada em muita cumplicidade e companheirismo “Parecia que nada seria

capaz de perturbar seu amor. Eram, não só marido e mulher, mas camaradas. Andavam pela vida de mãos dadas" (KOLLONTAI, 2011, p. 137).

Até que o marido entrou para o combinado[1], o dinheiro iria lhes prover mais benefícios, e ele chegou a propor que ela saísse do trabalho. No primeiro momento ela recusou, gostava da sensação de independência, mas as sequencias que nos são apresentadas culminam na ruptura total da compreensão que tínhamos desse casal, como podemos ver no trecho a seguir:

> Antes só bebia de vez em quando, em dias de festa. Durante a revolução, o trabalho era intenso não deixava tempo para pensar em álcool... Mas, agora, começou a beber realmente. A primeira vez que voltou para casa embriagado, ela assustou-se mas não se afligiu; pensou: contanto que não lhe faca mal, contanto que seu prestigio não sobra por causa disto. Na manhã seguinte lhe fez recomendações, mas ele permaneceu inalterável, tomou de pé seu chá – estava com pressa – e não disse uma palavra; foi-se sem responder. Pensou, porém, que sem dúvida, como a coisa o aborrecera, ficara calado. Apenas haviam se passado três dias quando voltou de novo embriagado para casa. Isto lhe causou grande tristeza e inquietude... De noite teve problemas com eles... Era desagradável. Mesmo quando se trata do homem amado não deixar de ser repugnante... No dia seguinte, quis fala com ele, mas mal havia começado, ele a olhou de uma maneira tão irritada e hostil que não se atreveu a pronunciar uma palavra. (KOLLONTAI, 2011, p. 138)

Nos deparamos com os excessos de seu marido e com a inércia da parte dela de pensar em pedir para que ele mudasse de emprego, já que o dinheiro faria falta, assim a relação conjugal deles passou a ser basicamente determinada pela necessidade e influência que o capital tinha em suas vidas. O casal apaixonado e camarada dava lugar a dois completos estranhos. Até que os cortes orçamentários afetam a mulher e ela acaba na iminência do desemprego, mas, segundo seu marido: assim era melhor, ela poderia ficar em casa com mais frequência e melhorar os serviços domésticos. No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels explicam:

> Para o burguês, sua mulher nada mais é que um instrumento de produção. Ao nos ouvir proclamar a necessidade de os instrumentos de produção serem explorados coletivamente, só podem concluir que o processo coletivo será extensivo às mulheres. Não se dão conta de que se trata exatamente de acabar com a situação da mulher como mero instrumento de produção. (...) O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas. No máximo, poderiam acusar os comunistas de querer substituir uma comunidade de mulheres, hipócrita e dissimulada, por outra que seria franca e oficial. De resto, é evidente que, com a abolição das relações de produção atuais, a comunidade de mulheres que deriva dessas relações, isto é, a prostituição oficial e não oficial, desaparecerá (MARX [et al],2008, p. 29).

No momento histórico vivenciado por Marx e Engels, bem como por Kollontai à época da Revolução Russa, o casamento constitui, no contexto burguês, um instrumento de reprodução e permanência dos modos de produção capitalista. Em outras palavras, a família

[1] *Kombinat*: empresa que pertence em parte ao Estado e em parte a proletários particulares.

burguesa é uma unidade do capital, pois em seu interior se reproduz princípios que, por sua vez, estão intimamente ligados ao modo de produção capitalista: o patriarcalismo, a propriedade privada, a supressão da liberdade dos sujeitos, a posse.

A mulher, portanto, não passava de instrumento de reprodução: biológica, em que seu papel natural era o de gerar os filhos, a maternidade; e a reprodução social: no sentido que, ao ser responsável pela educação e cuidado dos filhos, transmite essa imposição social, especialmente na formação das filhas. As mulheres herdam esses papéis de suas mães e avós, e os transmitem à medida que se casam. No entanto, o combate a este tipo de padrão de família e de submissão das mulheres era um dos objetivos das lutas de Alexandra Kollontai.

As irmãs: reflexões sobre a opressão aos femininos à luz do pensamento de Alexandra Kollontai

Alexandra Kollontai representa a superação dos estereótipos femininos de sua época. Neste período, ela e muitas mulheres, especialmente trabalhadoras, já não se encaixavam nas expectativas do conservadorismo. Contudo, por mais que muitas já houvessem rompido esses padrões, ainda havia aquelas que os seguiam, muitas pela dependência financeira e emocional de seus pais ou maridos.

Por isso podemos dizer que Kollontai foi um guia para si, e para outras mulheres. Esse processo de libertação estava para além de atravessar as portas do lar e conquistar seu próprio sustento, mas de provar que sua existência possui um significado muito maior. Superar as tentações e prisões que o amor lhe submetia, não consistia nada menos que lhe impor prioridades. Não se tratava de lhe reprimir sentimentos ou desejos. A autora foi livre para estar com quem estava. Mas, seu ímpeto de realizar-se nos movimentos de luta era muito maior. Seu desejo de dissolver – na medida de suas forças - as desigualdades sociais que assistia desde pequena, lhe promovia um sentimento de protesto devastador.

Em 1905, assistiu-se a um importante movimento, a primeira revolução na Rússia, muitas rebeliões. Neste tempo, Kollontai estava a se destacar como oradora e deu-se conta do pouco que o partido se dedicava à questão das mulheres. A pensadora reconhecia a existência de um forte movimento feminino burguês, contudo defendia que a verdadeira libertação feminina ocorreria a partir de uma nova ordem social (KOLLONTAI, 1978).

Constatando essa falha no partido, Kollontai tratou de conscientizar homens e mulheres acerca da questão. Desde então, procurou organizar dentro do partido um movimento operário feminino, com um programa especial de direitos para as mulheres

trabalhadoras (KOLLONTAI, 1978). Significa dizer que, embora a prioridade fosse pensar uma sociedade sem exploração, o partido ainda não havia se concentrado na questão feminina. Esta consciência ainda era pequena dentre os militantes. Por uma questão de princípio, Kollontai se sentia distante dos colegas, por verem que suas ideias eram distintas das apresentadas no partido. Porém, logo em 1906-1907, Kollontai conseguiu convencer um pequeno grupo a se organizar e realizar seus planos (KOLLONTAI, 1978). Percebemos que os primeiros anos no partido lhe pareceram difíceis, seja pela escolha em abandonar "temporariamente" sua família, seja pelas diferenças de pensamento no interior do partido.

Os conflitos dessa nova mulher e da necessidade de voltar às discussões para a questão feminina decorrem do resultado da opressão que o sistema acabou por condenar as mulheres. E são as dificuldades e descaracterização das relações que as personagens encontram no conto, a esposa que renunciou ao amor para aceitar o marido levar mulheres em sua casa e dizer: "pode ir buscar um homem como eu! Dou-lhe de comer, visto-a, atendo a todos os seus desejos… você não tem o direito de condenar-me!... Para fazer negócios terá que viver assim." (Kollontai, 2011, p. 140-141).

Ao pensarmos no jogo que sustenta o modo de vida burguês, deparamos com a fonte de suas próprias contradições. O desejo de manter a honra das mulheres aprisionando-as ao casamento vincula-se especialmente ao objetivo de garantir e prover filhos legítimos. Para isso, era muito mais necessário garantir a fidelidade feminina, recolhendo as mulheres no ambiente familiar como podemos ver na citação apresentada.

Deste modo, os laços das famílias burguesas não eram construídos/nutridos pelo amor, mas por interesses que dizem respeito à sua classe: manter a família como microrganismo do capital. Enquanto isso, a prostituição existia silenciosamente e longe da família, constituindo-se também como instrumento de manutenção do modo de produção capitalista. Ademais, a prostituição coloca as mulheres em posição de oposição ao mesmo tempo em que ambas coexistem neste universo patriarcal que escraviza a mulher, seja pelo casamento, seja pela mercantilização dos corpos femininos.

É, senão, mais uma forma de exploração das mulheres. Mulheres estas que se rendem a tal condição pelo medo de uma vida miserável, pela segurança e proteção que o Estado não lhes garantia. Portanto, as raízes do imperialismo são muito mais profundas. Não há como debruçar e dedicar-se a um projeto feminista sem articulá-lo com um projeto marxista: que é, por sua vez, a proposta da Kollontai. Voltemos os olhares para essas mulheres, quando elas se encontram o distanciamento e a partilha compõem esse cenário:

> Ouço-os cochichar… Não dormem… A voz da mulher soa mais alto, como se o reprovasse. Será talvez sua amiga, e a enganou dizendo-lhe que não era casado? Está, talvez, negando agora? Imaginei tudo, remoendo e sofrendo… Quando na vez anterior, em sua embriaguez, trouxe consigo uma prostitute, não me atormentei tanto, embora confesse que também foi amargo… Agora tinha a certeza de que já não me amava! Nem sequer como companheira, como irmã… A uma irmã teria respeitado, não teria traduzido mulheres para casa… E que mulheres… Apanhadas na rua! Certamente está é também do mesmo caráter! E logo senti uma raiva tão grande que teria sido capaz de corer para o quarto e expulsá-la de casa empurrando-a com minhas próprias mãos. (KOLLONTAI, 2011, p. 143-144)

O que vemos é o olhar de uma mulher para outra de completa repulsa e raiva, o momento da partilha é antecedido pelo estranhamento e pela crítica, quando na verdade as duas encontram-se sobre a mesma égide do sistema que as aprisiona. E aqui verificamos o processo de enclausuramento das mulheres da classe proletária, que enquanto trabalhadoras são exploradas de modo onilateral: nas fábricas, na prostituição e em seu próprio lar.

Quando essas duas mulheres partilham e se tocam é o ápice do conto, sendo possível compreender que a busca pela liberdade passa pelo olhar de ternura das outras mulheres, do entendimento de que ambas encontram-se submersas nesse sistema. Para finalizar, apresento o momento em que após a cumplicidade, a troca de experiências, ambas desatam os nós:

> No dia seguinte, mudei-me para a casa de uma amiga. Em seguida, comecei a procurar trabalho. Estou procurando há três semanas, mas não vejo nenhuma possibilidade de achá-lo Quando, há alguns dias, me dei conta de que não podia permanecer por mais tempo na casa de minha amiga, procurei a moça que meu marido havia trazido pra casa da última vez […] Foi-se, mas seu olhar me perseguia. Este olhar exige uma resposta, estimula à ação, ao trabalho construtivo, mas também à luta. (KOLLONTAI, 2011, p. 146)

Dessa forma, é necessário uma transformação no modo de se conceber o amor entre homens e, principalmente, mulheres. E a transição para uma sociedade socialista seria nada menos que a passagem para a vivência de uma nova forma de amor e de sua inteira expressão em comunidade. Ao longo dos séculos o amor assumiu inúmeras versões no desenvolvimento da humanidade. Na proposta de Kollontai - com uma nova sociedade socialista – teríamos, portanto, formas novas de vivenciar o amor até então nunca vivido pelos homens.

Considerações Finais

Para Kollontai, o universo feminino limitava-se à época a cuidar da vida privada: da família, dos cuidados com os filhos, e das atividades domésticas. Enquanto isto, os homens dedicavam-se a vida pública, aos interesses econômicos e políticos, processos estes que contribuíam para a manutenção das mulheres em seus espaços de encarceramento.

Segundo o pensamento da autora e as perspectivas do conto aqui apresentadas, a solução para a construção de relações de gênero livres e, portanto, para a libertação das mulheres, estaria na promoção e na prática de determinados princípios, sendo estes: a camaradagem e a solidariedade, que, por sua vez, são pontos de partida para se pensar na formação de uma sociedade comunista.

Kollontai, enquanto comunista não entendia a "sociedade sem classes" enquanto solução, mas enquanto ponto de partida para a libertação feminina, visto que o capitalismo se mostrou/mostra um forte entrave para a emancipação das mulheres e dos homens. Enfim, da emancipação humana.

Referências Bibliográficas

KOLLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2011.

KOLLONTAI, Alexandra. Autobiografía de uma mujer emancipada. Trad. Elena Herrero e Juan del Solar. 3. Ed. Editorial Fontamara: Barcelona, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Cortez, 1998.

MÉSZÁROS, István. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editorial Boitempo, 2002.